

“BOTA FOGO NESSES VAGABUNDOS!”: ENTEXTUALIZAÇÕES DE XENOFOBIA NA TRAJETÓRIA TEXTUAL DE UMA *FAKE NEWS*

“BOTA FOGO NESSES VAGABUNDOS!”: ENTEXTUALIZATIONS OF XENOPHOBIA IN THE TEXTUAL TRAJECTORY OF A *FAKE NEWS*

Izabel da Silva*

RESUMO

Com a emergência da internet como infraestrutura de inovação nos modos de comunicação, a produção de *fake news* cresceu em profusão, facilitando os modos de publicação e o compartilhamento de informações e notícias falsas. As *fake news* têm extrapolado a materialidade dos textos e potencializado discursos de ódio na sociedade e violações aos direitos humanos, a exemplo de ataques xenofóbicos a imigrantes no país. Afiliado à vertente indisciplinar da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006; Cavalcanti, 2013), este estudo de base qualitativo-interpretativista busca analisar que entextualizações foram mobilizadas na trajetória textual de uma *fake news* em diferentes plataformas digitais e que posicionamentos os participantes da interação assumem em relação à situação da migração de crise no país. O *corpus* recobre a trajetória textual do evento ‘*Bota fogo!*’, referente ao ataque a imigrantes venezuelanos em Pacaraima, ocorrido em 18 de agosto de 2018. Os resultados indicam que a propagação de *fake news* mobiliza posicionamentos discursivo-identitários preconceituosos em interações virtuais, e, além disso, impulsionam reações xenofóbicas fora das redes *online*.
Palavras-chave: *fake news*; imigrantes de crise; xenofobia.

ABSTRACT

With the emergence of the internet as an infrastructure for innovation in communication modes, *fake news* production has grown profusely, facilitating modes of publishing and sharing false information and news. Fake news has extrapolated the materiality of the texts and increased hate speech in society and violations of human rights, such as xenophobic attacks on immigrants in Brazil. In this study, we seek to analyze which entextualizations were mobilized in the textual trajectory of a fake news on different digital platforms and what positions the participants of the interaction take in relation to the situation of crisis migration in the country. This work is based on the theoretical-analytical constructs of Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006; Cavalcanti, 2013). The *corpus* covers the textual trajectory of the event ‘*Bota Fogo!*’, referring to the attack on Venezuelan immigrants in *Pacaraima*, occurred on August 18, 2018. The results indicate that the spread of fake news

* Instituto Federal do Paraná, IFPR, Colombo, PR, Brasil. izabel.silva@ifpr.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1687-2765>

Agradeço à Prof. Dra. Ana Cecília Cossi Bizon e aos pareceristas deste artigo pelas contribuições substanciais.

mobilizes prejudiced discursive-identity positions in virtual interactions, but also drives xenophobic reactions outside online networks.

Keywords: fake news; crisis migrants; xenophobia.

INTRODUÇÃO

A popularização da internet e o crescimento das plataformas digitais e das redes sociais *online* permitiram o surgimento de novas formas de interação e de comunicação, proporcionando um ambiente fecundo para a produção de *fake news*, instaurando, segundo Santaella (2018), uma lógica inédita que facilita os modos de publicação e o compartilhamento de informações e notícias falsas. A expressão *fake news* é relativamente nova, mas o que ela representa não é necessariamente novo. As notícias falsas, definidas como “boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras” (SANTAELLA, 2018, p. 29) sempre existiram e podem causar problemas graves quando sua falsidade se revela.

Embora não haja novidade no uso, é importante marcar a diferença entre *fake news* e boatos/rumores. Os boatos e rumores não são enunciações necessariamente falsas. Nas palavras de Piaia (2018, p. 28), podem servir como “uma forma de orientação coletiva e podem ser definidos somente pela falta de verificação e não pela sua veracidade ou não”. Os rumores, geralmente, surgem em situações de indefinição ou de crise como, por exemplo, um período de transição política, momentos de violência, desastres ambientais etc., ou seja, são marcados por especulações a partir da falta de informações.

As *fake news*, por outro lado, além do caráter de veicular informação falsa, não surgem em um momento de incerteza e visam declaradamente desestabilizar um contexto estável. Seu impacto advém de sua frequência e proliferação em tempo real. Conforme explica Santaella (2018, p. 32), “o usuário compartilha sem nem mesmo ler o conteúdo, só passando os olhos na chamada e na imagem, cujo poder de atração as colocam no foco central da atenção”. As *fake news*, quase sempre combinadas com títulos e imagens impactantes, têm como objetivo provocar a reação emocional do receptor, através do apelo ao sensacionalismo. Além disso, buscam “influenciar a visão que as pessoas têm dos fatos, para causar confusão desinteressada ou interessada” (SANTAELLA, 2018, p. 33), ou mesmo promover um programa de campanha política.

Ao lado de acepções como “pós-verdade”, “mídia falsa” e “fatos alternativos”, o termo *fake news* ganhou destaque a partir das eleições de 2016 nos Estados Unidos,

com a disseminação de desinformação, em grande parte, "pelo então candidato Donald Trump contra seus adversários na mídia para desqualificar as informações que desfavoreciam sua candidatura" (INTERVOZES, 2019, p. 7). Ross e Rivers (2018) destacam o fato de Trump predicar a mídia insistentemente como desonesta e não confiável. As interações do político atraíram críticas por parte do jornalismo profissional, pois sua retórica consistia em fazer acusações à imprensa e disseminar notícias falsas, ao mesmo tempo que desviava a atenção para si.

O emprego de estratégias de desinformação na cena política não teve início com a internet. A mídia tradicional também já foi acusada de ocultar fatos para favorecer seus interesses. A inovação que surge com as novas tecnologias pode estar na "escala (a velocidade da propagação quase imediata combinada com alcance global, popularizada como "viralização") e no direcionamento segmentado das mensagens associado à coleta de dados pessoais dos(as) usuários(as) de Internet" (INTERVOZES, 2019, p. 6). Somam-se a essa promoção deliberada de desinformação o uso de "bots" e "ciborgues", ou seja, instrumentos automatizados de distribuição de conteúdo na internet¹.

É ao processo eleitoral de 2018, no Brasil, que se atribui o crescimento na "produção e difusão em escala industrial de conteúdos enganosos criados para incentivar o ódio, o preconceito e a discriminação" (INTERVOZES, 2019, p. 23). Nos dados citados por Cesarino (2018, p. 1), "98,21% dos eleitores de Bolsonaro foram expostos a uma ou mais mensagens com conteúdo falso durante a eleição, e 89,77% acreditaram que eram verdadeiros". Em sua maioria, na percepção da autora, não se confirmou a falsidade integral do conteúdo, mas sim sua distorção; muitos foram retirados de contexto ou disseminados sem referências confiáveis. O alvo dessas *fake news* giravam, principalmente, em torno de ataques às mulheres, à comunidade LGBTQIA+, aos negros e aos imigrantes e/ou refugiados (venezuelanos), mas também à mídia brasileira.

Nessa direção, Wardle & Derakhshan (2017), evitando usar estritamente o termo *fake news* para explicar a complexidade dos fenômenos da desordem de informação, introduzem três conceitos – *mis-information*, *dis-information* e *mal-information* – para se referir à propagação inadequada de informações. Numa definição dos pesquisadores, a primeira (informação incorreta) corresponde ao compartilhamento inadvertido de informações falsas ou imprecisas, mas nenhum dano é causado; a segunda (desinformação) refere-se à criação e disseminação intencionalmente

1. O Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio), em pesquisa realizada a partir da análise de grupos de *WhatsApp*, identificou o uso de bots na difusão de um grande volume de *fake news* no período eleitoral de 2018 (INTERVOZES, 2019).

maliciosa de informações conhecidas como falsas, no intuito de causar danos; enquanto *mal-information* (informação mal-intencionada) são informações genuínas compartilhadas para causar danos, geralmente mobilizando informações projetadas para permanecer privadas na esfera pública (WARDLE & DERAKHSHAN, 2017, p. 5). Entretanto, Ross & Rivers (2018) advertem que existe a possibilidade de as pessoas compartilharem *fake news* de forma deliberada sem saber *a priori* tratar-se de notícias falsas, acreditando, de fato, que as mensagens carregam informações verdadeiras.

Após a propagação de *fake news* nas eleições de 2016 nos EUA, o Facebook se uniu a vários sites de verificação de fatos (*fact-checking*) para sinalizar aos usuários quando os conteúdos postados na plataforma digital pareciam potencialmente falsos ou deliberadamente enganosos. *Fact-checking*, segundo Bakir & Mcstay (2017), corresponde ao processo de *verificação de fatos*, determinando a melhor fonte para realizar a checagem e avaliando se as evidências confirmam ou contradizem as alegações.

No Brasil, algumas iniciativas e sites vêm sendo criados no intuito de somar esforços para alertar, verificar e/ou combater a disseminação de *fake news* e desinformação. Santaella (2018) apresenta alguns exemplos: o *Vaza, Falsianet*, projeto do Facebook; o bot *FactMa*, com orientação no Messenger sobre como trafegar na internet; as agências de checagem de informações o *Truco*, da Agência Pública, o site *Aos Fatos* e a *Agência Lupa*, da Revista Piauí. Podemos citar ainda as cartilhas informativas do Intervozes (2019), os cursos para professores do Projeto EducaMídia e a Sala de Democracia Digital, uma iniciativa da Fundação Getúlio Vargas para monitorar o debate público e o impacto das práticas de desinformação nas redes sociais, principalmente durante o período eleitoral de 2018.

Esse breve panorama mostra que já existem algumas iniciativas buscando compreender o fenômeno das *fake news* na sociedade. Nesse sentido, tentando contribuir com a discussão do tema a partir da perspectiva indisciplinar e pós-colonial da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI, 2013), tenho como objetivo analisar quais entextualizações foram mobilizadas na trajetória textual de uma *fake news* em diferentes plataformas digitais e que posicionamentos os participantes da interação assumem em relação à situação da migração de crise² no país. Com vistas a fundamentar essa proposta, num primeiro momento, discorro brevemente sobre a questão da migração contemporânea, mais especificamente

2. Utilizo o termo "migração de crise" para me referir a refugiados e migrantes no sentido de signatários deslocados, considerados, segundo Bizon e Camargo (2018, p. 712), com base em Baeninger e Peres (2017), "os migrantes com a condição jurídica de refugiado, migrantes solicitantes de refúgio, migrantes com 'refúgio humanitário', crise humanitária e migrantes refugiados ambientais".

sobre a vinda de venezuelanos para o Brasil, e uma dimensão do problema da *xenofobia* em Roraima. Na sequência, apresento os construtos teórico-analíticos dos estudos de *narrativas* e da noção de *entextualização* (BAUMAN & BRIGGS, 2006; BLOMMAERT, 2008, 2010; DE FINA & TSENG, 2017), valendo-me, também, da análise de ordens e pistas de indexicalização (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013). Na última seção, analiso o *corpus* recortado, percorrendo, em especial, a trajetória textual de uma *fake news* que impulsionou o evento nomeado pela mídia de "*Bota fogo!*", referente ao ataque de brasileiros ao acampamento de migrantes venezuelanos em Roraima, ocorrido em 18 de agosto de 2018. Com esse artigo, mais que analisar os elementos que caracterizam textualmente uma *fake news*, preocupo-me em refletir sobre o impacto desse fenômeno para desacreditar as instituições democráticas, ao produzir desinformação e enquadrar-se como fonte de "verdade" aceitável. Do mesmo modo, chama a minha atenção a capacidade tendenciosa das *fake news* ao influenciar as crenças das pessoas, a ponto de potencializar violações aos direitos humanos, sejam elas por meio de reações preconceituosas motivadas por discursos de ódio ou através de atos xenofóbicos que têm extrapolado a materialidade dos textos, a exemplo dos inúmeros ataques à vida de migrantes que tentam sobreviver no país.

1. MIGRAÇÕES E XENOFOBIA: UM MAPA EM DIFERENTES ESCALAS

Nos últimos anos do século XXI, a complexidade e heterogeneidade da migração internacional têm produzido transformações na configuração dos fluxos migratórios. Conforme relata o ACNUR (2018), aproximadamente 70,8 milhões de pessoas estão em situação de deslocamento forçado no mundo, sendo 25,9 milhões de refugiados³ e 3,5 milhões de solicitantes de refúgio.

Com a incorporação do Brasil na rota das migrações contemporâneas, é perceptível o aumento no número de migrantes que chegaram ao país na última década. Numa comparação de dados obtidos do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), o país tinha cerca de 55.152 imigrantes em 2010, e em 2015 esse número cresceu para 115.960 mil, representando um aumento de mais de 110%. Considerando todos os amparos legais, entre os anos de 2011 e 2018 o Brasil

3. A Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, define **refugiados** como as pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um grupo social específico ou opinião política e não podem ou não querem valer-se da proteção de seu país, ou àquelas que foram obrigadas a deixá-lo devido à grave e generalizada violação de direitos humanos.

registrou o número de 774,2 mil imigrantes (OBMigra, 2019). Desse total, 492,7 mil são considerados imigrantes de longo termo, ou seja, aqueles que permanecem no país em um período superior a um ano, e são oriundos, em maior medida, do Sul Global⁴. O Observatório registra que, diferentemente das imigrações do final do século XIX e início do século XX, os novos fluxos migratórios para o Brasil são protagonizados por “haitianos, principal nacionalidade no mercado de trabalho, os venezuelanos, fluxo migratório que cresceu de forma significativa a partir de 2016, além de outras nacionalidades tais como os senegaleses, bolivianos, colombianos e bengalis” (OBMigra, 2019, p. 3).

A acolhida humanitária aos haitianos e aos venezuelanos responde por um volume importante dos registros. Mas vale destacar “o papel relevante na imigração venezuelana, responsável pelo maior volume de registros concedidos aos migrantes de longo termo em 2018, cerca de 32 mil” (OBMigra, 2019, p. 88). O relatório mensal mais atualizado do Observatório divulga o número de 17.741 mil registros de migrantes em janeiro de 2020, sendo 9.723 de solicitantes venezuelanos, 2.573 haitianos e 512 colombianos.

O crescimento em relação à migração forçada de refugiados e uma diversificação quanto ao perfil dos solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado⁵ também são bastante significativos. Dados do último relatório anual do CONARE mostram que, até dezembro de 2018, foram recebidas 85.438 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado somente da Venezuela. Dessas, 61.681 foram realizadas apenas em 2018 e 81% das solicitações foram apresentadas no estado de Roraima (CONARE, 2018). Nos primeiros seis meses de 2019, a movimentação de trabalhadores venezuelanos foi superior a de todo o ano de 2018, o que, de acordo com o Relatório Anual do Observatório (OBMigra, 2019, p. 3), “sinaliza que o mercado de trabalho formal vem absorvendo fortemente o contingente de imigrantes no país”. Entre os meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020, com cerca de 8 mil solicitações de refúgio, a Venezuela continua no topo da lista de pedidos, e o município de Pacaraima registrou o maior número deles, com destaque para o estado de Roraima como porta de entrada e saída no território nacional.

-
4. O *Sul Global* é uma categoria que coincide apenas parcialmente com o sul geográfico, pois visa caracterizar os espaços/territórios mais pelo seu posicionamento em relação à distribuição desigual de poder global. Sendo o *Norte Global* definido por sua centralidade e hegemonia, e o *Sul Global* por seu caráter periférico e subordinado (SOUSA SANTOS et. al., 2018).
 5. São as pessoas que solicitam ao Estado Brasileiro serem reconhecidas como refugiadas, mas que ainda não tiveram sua solicitação de reconhecimento deliberada pelo Comitê Nacional para os Refugiados, mas que, enquanto aguardam a decisão, encontram-se em situação migratória regular em todo o território nacional (CONARE, 2018).

As decisões de migrar são motivadas por fatores distintos e estão incorporadas às experiências cotidianas e à complexidade humana. Migrantes e refugiados se movem ao tentar fugir de guerras, fome ou problemas políticos; há pessoas que se deslocam em busca de emprego ou melhores condições de trabalho e moradia. Como observado, mesmo que a mobilidade humana seja motivada por um problema primordial, a ação que gera o movimento raramente envolve um único fator. No caso da Venezuela, mais de 3 milhões de venezuelanos deixaram suas casas por muitas razões: “violência, insegurança, medo de serem alvo de suas opiniões políticas (reais ou percebidas), escassez de alimentos e remédios, falta de acesso a serviços sociais e incapacidade de sustentar a si e a suas famílias” (ACNUR, 2018, p. 24).

Apesar do crescente aumento de migrantes e refugiados venezuelanos no Brasil, o número ainda é pequeno se comparado a uma escala global. Ainda assim, tem representado forte impacto nas comunidades que os recebem, principalmente na fronteira do Brasil com a Venezuela. A dinâmica transnacional já era uma característica cotidiana no município de Pacaraima (RR), mas começou a aumentar a partir do final de 2015, intensificando-se em 2016 e 2017. Com a justificativa de organizar o intenso fluxo migratório ocasionado pela crise social e econômica na Venezuela, Suely Campos, governadora de Roraima na época, publicou em 4 de dezembro de 2017, o Decreto Estadual n.º 24.469-E, declarando situação de emergência social. Dessa forma, os migrantes que se concentravam nas ruas, praças e estabelecimentos públicos, passaram a ser acomodados em abrigos criados pelo governo estadual, com o auxílio de entidades não governamentais, como ONGs e instituições religiosas.

Nas palavras de Ruseishvili, Carvalho e Nogueira (2018), a repetição das expressões “emergência” e “crise” no texto do decreto indicia um discurso de desastre e ameaça que requer a tomada de decisões urgentes. Para os autores, isso acabou, por um lado, mobilizando a sociedade civil, organizações nacionais e internacionais, e por outro, contribuiu para legitimar discursos e práticas intervencionistas em nome da ação humanitária, principalmente sob o comando das Forças Armadas. Nesse caso, a construção da retórica da emergência e da crise, criada por agentes públicos e políticos no intuito de requerer recursos logísticos e financeiros do governo federal e, sistematicamente, reforçada pela mídia, colaborou para a difusão de atos violentos e uma onda de xenofobia em meio a um cenário de caos já instaurado em Pacaraima e em outros municípios de Roraima.

Como explica Schwarcz (2019), são muitos os registros de violência e intolerância a diferentes grupos da sociedade nos últimos anos. Nos meses que precederam as eleições de 2018 – agosto, setembro e outubro –, foram registrados

cerca de 16 casos por dia de crimes por intolerância racial, religiosa, social, de gênero e de etnia. De acordo com a autora, desde 2015 houve um aumento de 63% dos casos de xenofobia contra estrangeiros provenientes do Haiti, África e América Latina, sendo que só 1% resultou em processo judicial (SCHWARCZ, 2019, p. 219).

Nos últimos doze anos, a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos recebeu 150.367 denúncias envolvendo apenas os casos de *xenofobia* (INTERVOZES, 2019, p. 21). Esses altos índices têm alertado algumas organizações da sociedade civil sobre a relação do discurso de ódio na internet com ataques e manifestações de violência fora dela.

Desde o início de 2018, vêm sendo registrados inúmeros ataques e crimes com motivação xenofóbica aos migrantes venezuelanos em Roraima. Conforme matéria publicada em 22 de março de 2018⁶ pelo Nexo Jornal, em 05 de fevereiro daquele ano, um homem lançou uma bomba incendiária contra uma casa onde viviam 31 venezuelanos. No dia 19 de março de 2018, um grupo de 300 brasileiros queimou os pertences e expulsou 200 venezuelanos de um abrigo em Boa Vista. Em 18 de agosto de 2018, um grupo de brasileiros com fogo, bombas e pauladas expulsou cerca de 1.200 venezuelanos que estavam acampados na fronteira de Pacaraima (RR). As agressões contra a vida de venezuelanos continuaram em 2019, como denunciou a reportagem de 28 de novembro de 2019⁷ do Jornal *The Intercept Brasil* – dois venezuelanos (um com 28 anos e outro com 51) foram assassinados enquanto dormiam nas ruas da capital roraimense. Esses são apenas alguns dos inúmeros casos de xenofobia ocorridos contra migrantes e refugiados venezuelanos instalados em Roraima.

Alguns significados que a palavra *xenofobia* carrega vinculam-se a medo, rejeição, antipatia e profunda aversão ao estrangeiro. Implica também desconfiança e preconceito em relação às pessoas estranhas ao país e às construções culturais daqueles que se consideram como estando em seu território. Como expõe Albuquerque Jr. (2016), a xenofobia pode concretizar-se de distintas maneiras, seja na recusa de conviver com o diferente ou na manifestação de agressões físicas ou simbólicas. Em casos extremos (como nos exemplos anteriores), a xenofobia pode levar ao extermínio do estrangeiro, entendido, em muitos casos, como “um invasor do território e predador dos recursos naturais, das oportunidades de trabalho e

6. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/22/Os-3-ataques-cometidos-contra-imigrantes-venezuelanos-em-Roraima> >. Acesso em: 15 jan. 2020.

7. Disponível em: < <https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/> >. Acesso em: 15 jan. 2020.

riqueza que pertenceriam, naturalmente, ao grupo que estaria sendo invadido e predado” (ALBUQUERQUE Jr., 2016, p. 10).

De acordo com Figueira (2018), três fatores principais contribuem para as tensões sociais e a xenofobia em Roraima: “(i) o racismo, como um componente estrutural das relações sociais no Brasil (...); (ii) a recuperação da imagem idealizada do Estado-nação e sua associação com a ideia de propriedade; (iii) o populismo, como gatilho discursivo que aciona os dois primeiros fatores” (FIGUEIRA, 2018, p. 224). Para o autor, o racismo tem relação direta com a onda de nacionalismo no país, funcionando “como um elemento tradicionalmente orientador das políticas de migração e, inclusive, como parâmetro organizador de uma hierarquia de nacionalidades” (FIGUEIRA, 2018, p. 224). E o terceiro fator, o populismo, a todo custo age na tentativa de construir a hegemonia política com base na mobilização dos anseios e da atenção da população por meio da circulação de medos e ressentimentos.

A partir de uma pesquisa realizada em redes midiáticas digitais durante as eleições de 2018, sobretudo em relação ao engajamento do então candidato à presidência Jair Bolsonaro e seus apoiadores, Cesarino (2018) introduziu o conceito de *populismo digital*. A autora usa o termo para se referir tanto a um aparato (digital) quanto a um mecanismo (de mobilização) e uma tática (política) de construção de hegemonia. Segundo a pesquisadora, um dos mecanismos desse tipo de populismo é a invenção da figura de um “inimigo” que ameaça constantemente o “líder”, e opera para manter a mobilização da tática da ameaça virtual. Esse pode ser um perigo potencial à integridade do grupo ou de sua liderança – ela cita como exemplos a ameaça comunista e a *venezuelização* reiterados no discurso populista de Bolsonaro.

A xenofobia e o discurso de ódio contra migrantes representam um dos maiores problemas sociais decorrentes dos fluxos migratórios, em que imigrantes e/ou refugiados são alvos frequentes de discursos de ódio ou vítimas de violentos ataques físicos. Em um cenário que legitima a impunidade e as violações dos direitos humanos dos migrantes de crise, diferentes razões têm impulsionado ações xenófobas no Brasil. Entre as principais podem estar a ascensão de grupos conservadores no país⁸ e o crescente aumento de discursos nacionalistas bombardeados na mídia tradicional e nos sites de redes sociais, especialmente, a propagação de *fake news* durante/após as eleições de 2018.

8. Essa onda conservadora que tem atingido países como Estados Unidos, Rússia, Itália, Polônia, Israel, entre outros, no Brasil tornou-se mais visível a partir das manifestações de 2013, intensificando-se em 2016 com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, e culminando numa política deliberada de ódios e polarizações nas eleições de 2018 (SCHWARCZ, 2019).

2. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Os estudos sobre migrantes passaram a se preocupar com “os processos de deslocamento e realocação vividos pelos narradores e protagonistas de suas histórias” (DE FINA & TSENG, 2017, p. 382), proporcionando uma contrapartida às visões muitas vezes negativas sobre os grupos sociais marginalizados que costumam circular em discursos na mídia e nas redes sociais *online* e *off-line*. Os estudos que utilizam narrativas como objetos ou ferramentas de pesquisa são essencialmente qualitativos e, na maioria das vezes, orientam as análises dos fenômenos sociais, como as pesquisas narrativas sobre migração.

Escolhi trabalhar com a narrativa não somente por se tratar de uma ferramenta metodológica relevante para as pesquisas, mas também porque possuem diferentes funções que podem ajudar a contar e explicar eventos importantes da vida cotidiana. De Fina e Tseng (2017) destacam sua importante função de transmitir valores morais e normas sociais. As narrativas também possuem um papel central nos encontros institucionais, quando se trata de processos que envolvem os fluxos migratórios. Além disso, elas são essenciais “na construção de identidades individuais e coletivas e são usadas para indexar modos de ser e identificações sociais” (DE FINA e TSENG, 2017, p. 381). Nessa visão dinâmica da narrativa, o contexto social mais amplo a influencia, mas as identidades também são construídas através de negociações com os interlocutores. E nesse sentido é importante recorrer a construções como posicionamento e/ou agência.

Na perspectiva de Wortham (2001), a narrativa tem duas funções essenciais: a representacional e a interacional. A função representacional indica que uma narrativa pode moldar o *eu* do narrador, descrevendo-o como um tipo específico de pessoa. Já a função interacional indica que os narradores agem como tipos específicos de pessoas enquanto contam suas histórias e se relacionam com seu público de maneiras características ao narrar. Essa função procura mostrar como narrador e público podem se posicionar interativamente através da narrativa. O autor reitera, ainda, que as narrativas vão além de representar eventos e personagens, pois elas também pressupõem uma certa versão do mundo social e posicionam o narrador e o público em relação a esse mundo social e em relação um ao outro. Portanto, podemos inferir que as narrativas não apenas representam estados de coisas, mas também realizam ações sociais, na medida em que o posicionamento interacional, ou seja, a posição do falante em relação aos outros é essencial para a produção do significado no contexto da interação.

Em contextos digitais, o posicionamento interacional marca uma mudança na análise narrativa de textos para narrativas orientadas à prática. A análise narrativa de

textos se concentrava apenas nas características formais e de gênero dos textos da internet. Enquanto que a abordagem da narrativa como prática em contextos *online* requer uma orientação que não deve se concentrar apenas na análise dos elementos formais e textuais de gêneros digitais, mas deve se atentar, principalmente, aos discursos socialmente situados nos quais essas características estão incorporadas (DE FINA & GORE, 2017). E sob a perspectiva contextualizada da narrativa como prática, as autoras explicitam que "contar histórias é um processo complexo de reconstrução, reavaliação e compreensão de eventos que ocorrem em mídias específicas e, por sua vez, são incorporados a diferentes práticas" (DE FINA & GORE, 2017, p. 237). A maioria das narrativas pressupõe pelo menos dois eventos interacionais: o evento narrado e o evento de narrar. Com base em Bakhtin e Jakobson, Wortham (2001) descreve o *evento narrado* como o evento descrito pelo enunciado e se refere ao *evento de narrar* como o representante do contexto interacional.

Assim, chamo a atenção para a importância da situacionalidade do contexto da interação e sua articulação com a estrutura social. No lugar de estudar o contexto apenas como condição para a produção de discurso, Blommaert (2008) sugere que o discurso seja usado como objeto social. Isso significa que é preciso observar também as contribuições referenciais diretas do significado textual, que implica em ver tanto como a linguagem gera a estrutura social como o econômico, o social e o político geram o linguístico (BLOMMAERT, 2008, p. 113).

Do mesmo modo que a situacionalidade, a mobilidade é uma questão central para Blommaert (2010), sobretudo em um cenário de mudanças econômicas e tecnológicas que integram o processo de globalização contemporâneo. Para o sociolinguista, o desafio da mobilidade é o deslocamento dos recursos e dos eventos linguísticos da sua posição fixa (e tradicional) em determinada localização temporal e espacial em direção à inserção da linguagem em um espectro da ação humana definida em termos de *trajetórias temporais e espaciais*. Segundo o autor, "a mobilidade é algo que possui recursos espaciais e temporais, e o texto móvel é um texto que tem a capacidade de viajar no tempo e no espaço"⁹ (BLOMMAERT, 2010, p. 29-30).

À medida que os textos são projetados para além do contexto original, eles podem percorrer diversas trajetórias textuais e serem continuamente entextualizados em novos contextos. Bauman & Briggs (2006) concebem a noção de *entextualização* como o processo de transformar um discurso ou um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraída de seu

9. *Mobility is something that has spatial as well as temporal features, and mobile text is text that has the capacity to travel through time and space.*

contexto interacional. Um texto, nessa perspectiva, “é discurso tornado passível de descontextualização” (BAUMAN & BRIGGS, 2006, p. 206). A noção de entextualização remete à particularidade de textos e discursos de serem retirados de um contexto e replicados em outro, tornando-se um novo texto com novas condições para contextualização. No entanto, a entextualização permite incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso. Por isso, para Bauman & Briggs (2006), a compreensão dos textos só pode ser concretizada através de sucessivos processos de entextualização-descontextualização-recontextualização.

As trajetórias textuais tornam as entextualizações e recontextualizações acontecimentos intertextuais imprevisíveis. Ao mesmo tempo que iteram, citam, copiam e produzem outros textos, as trajetórias textuais tornam visíveis ordens de indexicalidade e recursos semióticos que essencializam/normatizam padrões de língua, linguagem e identidades sociais. “É esse tipo de circuito que performativamente constrói significados sempre em movimento” (MOITA LOPES & FABRÍCIO, 2018, p. 773).

A ordem de indexicalidade é um conceito importante para estabelecer uma relação entre os níveis microssoais e macrosociais na análise dos fenômenos linguísticos. Por meio da ordem indexical é possível analisar como os “agentes semióticos acessam categorias e conceitos do plano macrosociológico como valores no reino indexável do microcontextual¹⁰” (SILVERSTEIN, 2003, p. 193). Esse conceito também é utilizado por Blommaert (2010) para se referir à natureza hierarquizada e ordenada dos processos indexicais. Elas evidenciam normas, crenças e valores estratificados que constituem os textos/discursos em escalas espaço-temporais. Como explica o linguista, as ordens de indexicalidade organizam as diferenças entre, de um lado, os usos linguísticos que categorizam o que é ‘bom’, ‘normal’, ‘apropriado’ e ‘aceitável’ e, do outro, aquilo que é ‘desviante’, ‘anormal’ etc. (BLOMMAERT, 2010, p. 14). Portanto, as ordens de indexicalidade são importantes por definir as linhas dominantes para os sentidos de pertencimento, de construção identitária e o desempenho de diferentes papéis na sociedade.

Por sua vez, o significado de uma expressão ou de uma narrativa pode ser inferido por meio da identificação de um padrão de pistas indexicais. Ampliando conceitos teóricos de Gumperz, Silverstein e principalmente de Bakhtin, Wortham (2001) mostra como um conjunto de pistas linguísticas e não linguísticas que compõem a narrativa podem ser usadas para destacar certos aspectos do contexto e

10. (...) *how semiotic agents access macro-sociological plane categories and concepts as values in the indexable realm of the micro-contextual.*

sinalizar o tipo de posicionamento indexado no contexto interacional. O autor cita cinco tipos de pistas indexicais que, de forma bastante resumida, correspondem à *referência* (são os elementos/personagens aos quais o narrador se refere, identificando-os socialmente em grupos reconhecíveis), à *predicação* (avaliação e caracterização de elementos mencionados pelo narrador), aos *descritores metapragmáticos* (incluem centralmente os verbos *dicendi* e descrevem instâncias de uso da linguagem), à *citação* (representa alguma instância da fala do outro); aos *índices avaliativos* (uso de itens lexicais, construções gramaticais ou qualquer outro tipo de padrões linguísticos que caracterizam socialmente sujeitos ou grupos) e à *modalização epistêmica* (comparam o *status* epistemológico da narrativa e dos eventos narrados, posicionando o narrador em relação ao que está sendo dito) (WORTHAM, 2001, p. 68-72).

Bizon (2013) complementa o quadro de pistas indexicalizadoras de Wortham (2001) incluindo: a *citação de autoridade* (consiste em uma exemplificação por meio de referência a um conhecimento atribuído a terceiros que confere autoridade ao narrador e/ou à personagem referenciados), as *pistas semióticas de referência e predicação* (recursos desdobrados dos índices paralinguísticos e não-verbais que também assumem a função de referenciar e caracterizar personagens, objetos e situações), a *absolutização estratégica* (utilização de expressões que podem se apresentar como hipérboles e referenciam e avaliam como uma totalização), a *protagonização do interlocutor* (inclusão do interlocutor privilegiado no evento narrado, atribuindo-lhe um papel de personagem); e *uso de figuras de linguagem* (utilização de recursos como metáforas, repetições, comparações, antíteses etc., para chamar a atenção para determinadas cenas na narrativa). Essas pistas podem ser usadas pelos narradores para indexar vozes e se posicionar em relação a essas vozes no evento de narrar ou no evento narrado e, portanto, são ferramentas importantes para a interpretação dos dados que analiso na próxima seção.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVENTO NARRADO: FAKE NEWS COMO PONTO DE PARTIDA

No mundo globalizado, é possível observar a uma rápida e transglobal circulação de pessoas, identidades, informações, textos, discursos promovidos pela tecnologia midiática, informacional e digital (FABRÍCIO, 2013). Com isso, os *sites* de redes sociais como, por exemplo, *Facebook*, *Youtube* e *Twitter* têm sido considerados espaços de encontros e desencontros, de "convivência de territorialidades/temporalidades múltiplas" (FABRÍCIO, 2013, p. 157) e de possibilidades democráticas. Contudo, apesar do poder político e agêntivo dessas plataformas

digitais, elas também costumam ser usadas para reproduzir discursos de ódio e mobilizar práticas estigmatizadoras contra grupos minoritários.

O discurso de ódio *online*, em particular, a xenofobia, também tem estado no centro do debate sobre a crise migratória Sul-Sul em meio a um cenário atravessado pelo ressurgimento da extrema direita no Brasil (SCHWARCZ, 2019). O processo eleitoral de 2018 acentuou a propagação do discurso de ódio *online*, e estreitou a relação entre o que se diz na rede e as manifestações de violência fora da internet (INTERVOZES, 2019). Como vimos anteriormente, com a inserção do Brasil na rota contemporânea das migrações Sul-Sul e a crise na Venezuela, a entrada de venezuelanos se intensificou no Brasil, sendo a principal porta de entrada a fronteira de Pacaraima, no estado de Roraima. A presença desses migrantes, acampados em barracas e alojamentos com pouca ou nenhuma infraestrutura, é reflexo de um processo de migração precária. Migrantes e refugiados são, ainda, alvos de discursos de ódio, atos xenofóbicos e de violações dos direitos humanos, muitos deles propagados por *fake news* e desinformação nas redes sociais *online*.

Concordo com Blommaert (2008) quanto ao valor de uma análise crítica em considerar elementos como a diferenciação social de recursos linguísticos e interacionais numa narrativa ou mesmo a relevância de apresentar a história dos dados e dos textos. Nesse sentido, considero o evento aqui enquadrado e nominado “Bota Fogo!” não como um ato isolado, mas construído por meio de uma série de entextualizações, abarcando recontextualizações para além do evento narrado, e envolvendo eventos individuais e também as relações entre esses eventos. A narrativa é toda a *trajetória textual*. As capturas de tela (*printscreen*)¹¹ e excertos apresentados nesta seção são ilustrativos e objetivam apenas contextualizar o ataque e mostrar como ele pode ter sido impulsionado pela disseminação de *fake news*. Na próxima seção, procedo à análise de algumas entextualizações desse evento.

No dia 18 de agosto de 2018, dois meses antes das eleições, um grupo de brasileiros expulsou cerca de 1.200 venezuelanos que estavam alojados em Pacaraima. Os primeiros vídeos do ataque foram filmados pelos próprios moradores e compartilhados em *sites* de redes sociais. Como ilustram as imagens 1 e 2, o acontecimento logo se tornou notícia dentro e fora do país, e ficou conhecido como “Bota Fogo!” devido às imagens de pessoas ateando fogo, bombas caseiras e destruindo com pedras e pauladas os alojamentos dos migrantes venezuelanos.

11. Essa ferramenta foi utilizada para registrar todos os dados deste artigo. Para ter acesso às imagens e vídeos completos especificamente do *Facebook*, é necessário ter um perfil de usuário e se conectar com *login* e senha na plataforma.



Imagem 1. “Bota Fogo!”. Vídeo compartilhado em 21 de agosto de 2018¹².

Na imagem 1, apresento a captura de tela de uma notícia com vídeo compartilhada na Página do *Facebook* da *BBC News Brasil* em 21 de agosto de 2018. O título da notícia *Bota fogo!': o ataque de brasileiros a imigrantes venezuelanos em Pacaraima*, um trecho do lide “Grupo de homens carregando pedras e paus incendiaram tendas, mochilas e artigos pertencentes a venezuelanos (...)” e a fumaça escura ao fundo da imagem registram como o ataque aconteceu. Na imagem também se vê um morador registrando o evento com seu celular. Ao assistir ao vídeo, é possível escutar barulhos de bombas, tiros e a voz de alguns participantes do ataque, dizendo: “*Bota fogo!*”; “*Vamos botar fogo, gente!*”; “*Aqui tem fogo!*”; “*Esses vagabundos!*”.

A imagem 2 refere-se à captura de tela de um vídeo do ataque comentado por um apresentador do *Jornal GloboNews*. O vídeo foi compartilhado juntamente com uma reportagem escrita no site e na Página do *G1* no *Facebook* às 14h15 de 18 de agosto de 2018, enquanto o conflito ainda estava acontecendo.

12. Captura de tela da Página do *Facebook* da *BBC News Brasil*. Disponível também no canal da agência de notícias no *Youtube*: <<https://www.youtube.com/watch?v=CrXBt9pVG4Q>>. Acesso em: 11 out. 2019.



Imagem 2. Vídeo do ataque postado em 18 de agosto de 2018¹³.

O que se vê na imagem 2 e no título é uma cena das “roupas e pertences de venezuelanos [sendo] incendiados em Pacaraima”. A reportagem informou que todo o ato foi organizado pelas redes sociais e também divulgou fotos de uma barricada de pneus com fogo usada para fechar a fronteira. Ao longo do vídeo, há diferentes vozes de brasileiros narrando a participação no conflito, segue a transcrição de uma delas: “O pau tá comendo, menino, tamo expulsando os venezuelanos! É desse jeito agora. Se não tem governante, se não tem autoridade por nós, nós vamos fazer a nossa autoridade. Fora, venezuelanos, de dentro de Pacaraima! É assim que funciona a partir de agora!” (Voz masculina).

Como noticiado massivamente, a situação dos migrantes venezuelanos em Roraima é de instabilidade e vem sendo narrada como um problema para o estado desde 2015. Com destaque para as tentativas da governadora à época, Suely Campos (PP), em fechar as fronteiras e a sua edição do decreto restringindo serviços públicos aos venezuelanos. A governadora e candidata à reeleição, usou o ataque “Bota Fogo!” como argumento para solicitar novamente ao STF o fechamento da fronteira de Pacaraima, alegando atender ao pedido de seus eleitores (MARIN, 2018). Além dela, outros candidatos também problematizaram o fluxo migratório venezuelano na campanha eleitoral de 2018 em Roraima. O candidato a governador pelo PSDB, José de Anchieta, defendeu em sua campanha a adoção de cota para regular a entrada de venezuelanos no estado. O empresário Antônio Denarium, do PSL, candidato apoiado por Jair Bolsonaro e eleito o governador de Roraima, também levantou a bandeira de restrição aos migrantes. Assim como Bolsonaro, Denarium colocou a questão migratória no tópico da segurança nacional em seu

13. Disponível em: < <https://glo.bo/2OI1ug7> >. Acesso em: 11 out. 2019.

plano de governo e disse que iria implementar medidas que restringissem a entrada dos venezuelanos, como “obrigatoriedade de vacinação para todos, instalação de campos de refugiados pelo Exército e transferência de imigrantes para outras partes do país” (AGÊNCIA BRASIL, Brasília, publicado em 28/10/2018).

No período que antecedeu o evento “Bota Fogo!”, algumas notícias já alertavam sobre a disseminação deliberada de boatos e *fakes news* antivenezuelanos com intenções eleitoreiras. Conforme a reportagem do Estadão de 03 de agosto de 2018¹⁴, circulou uma notícia falsa que afirmava que uma ONG estava dando atendimento jurídico aos venezuelanos sobre como invadir a casa dos brasileiros em Roraima. A *fake news* gerou ameaças de morte e linchamento virtual contra um integrante da ONG. Uma das ofensas foi desferida pelo candidato a deputado estadual pelo Partido Patriota, Ezequiel Calegari, que publicou em sua Página do Facebook “Roraima sem Censura”¹⁵, um vídeo em que ele entra na sede da ONG e ofende aos funcionários do local. Em outra notícia de 21 de agosto de 2018, a Folha de S.Paulo também cita o envolvimento do candidato em mais uma *fake news*. Dessa vez, ele compartilhou em sua Página anti-imigrantes a desinformação de que gestantes brasileiras estavam sendo retiradas da Maternidade Estadual de Roraima para abrir leitos para gestantes venezuelanas.

Mas qual teria sido o estopim para motivar o ataque dos brasileiros e a destruição dos alojamentos dos migrantes venezuelanos em Pacaraima? No dia anterior ao conflito, em 17 de agosto de 2018, informações falsas sobre um assalto e assassinato de um comerciante de Pacaraima cometido por migrantes venezuelanos teriam sido postadas na Página administrada pelo então candidato Ezequiel Calegari. Como se nota na reportagem de Mauro Donato de 20 de agosto de 2018, representada na imagem 3:

14. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/noticia-falsa-gera-ameacas-contra-organizacao-jesuita-que-atende-refugiados-venezuelanos/>>. Acesso em 15 out. 2019.

15. O nome de urna do candidato foi inclusive composto com o nome da página – Ezequiel Roraima sem Censura (nº. 51000). Disponível em: <<https://eleicoes.poder360.com.br/candidato/447078#2018>>. Acesso em: 08 set. 2020.

Com “fake news”, candidato do Patriota incentivou as ofensivas contra venezuelanos em Roraima

 0  COMENTAR | 0

 SALVAR     



Publicado por Justificando

há 2 anos  84 visualizações

Imagem 3. Notícia de Mauro Donato de 20 de agosto de 2018¹⁶.

Como se observa nas imagens 4 e 5, outras notícias também mencionaram em seus títulos e/ou subtítulos que o ataque aos venezuelanos teria sido estimulado por *fake news* e boatos.

XENOFOBIA

Cultura do ódio e ‘fake news’ levaram a ataques de brasileiros a venezuelanos

Mentiras sobre onda migratória resultou em covarde ataque de brasileiros contra um acampamento localizado na fronteira, no último sábado (18)

Por Alcides Moreno, do Nocaute

Publicado 20/08/2018 - 12h35

Imagem 4. Notícia de Alcides Moreno de 20 de agosto de 2018¹⁷.

16. Disponível em: <<https://portal-justificando.jusbrasil.com.br/noticias/615544613/com-fake-news-candidato-do-patriota-incentivou-as-ofensivas-contra-venezuelanos-em-roraima>>. Acesso em: 15 out. 2019.

17. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/08/cultura-do-odio-e-fake-news-levaram-a-ataques-de-brasileiros-a-venezuelanos/>>. Acesso em: 15 out. 2019.

Boatos alimentam conflito com venezuelanos em região de fronteira

Campanhas contra imigrantes em Roraima ganham força com posts e vídeos em redes sociais



Patrícia Campos Mello
Avener Prado

21. ago. 2018 às 2h00

Atualizado: 23. ago. 2018 às 13h02

Imagem 5. Notícia de Patrícia C. Mello e Avener Prado de 21 de agosto de 2018¹⁸.

Essas e outras notícias se referem, principalmente à *fake news* que circulou com o título: *"Crime covarde na noite desta sexta-feira, dia 17, em que um comerciante de Pacaraima (Roraima) foi assaltado, espancado e esfaqueado por 4 "refugiados" venezuelanos, que queriam dinheiro, como ilustra a captura de tela da imagem 6.*

18. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/boatos-alimentam-conflito-com-venezuelanos-em-regiao-de-fronteira.shtml>>. Acesso em 27 out. 2019.



Imagem 6. Vídeo compartilhado da Página *Roraima sem Censura* em 18 de agosto de 2018.

Na captura de tela da imagem 6, o vídeo compartilhado da Página *Roraima sem Censura* é narrado por uma voz feminina que diz: “Esse aqui é nosso amigo de Pacaraima, comerciante, minha gente, que foi esfaqueado e atacado por **quatro venezuelanos**”. Esse boato se espalhou rapidamente em outros grupos do Facebook, e logo os moradores de Pacaraima, revoltados com a situação, se organizaram (também por meio de sites de redes sociais e aplicativos móveis) para concretizar o ataque de 18 de agosto de 2018. Depois do episódio, descobriu-se que o assalto de fato aconteceu, mas o comerciante brasileiro não foi esfaqueado e nem assassinado, e a participação dos migrantes venezuelanos no assalto continua sob investigação.

Após ter contextualizado o evento “Bota fogo!” e sua possível relação com o impulsionamento de *fake news* anti-imigrantes no período eleitoral de 2018 em Roraima, na seção seguinte, analiso algumas entextualizações relacionadas ao ataque.

4. PRÓXIMA PARADA: ENTEXTUALIZAÇÕES DO EVENTO "BOTA FOGO!"

Considerando o objetivo deste artigo, nesta seção não é minha intenção analisar amplamente o percurso textual do evento "Bota Fogo!". Por isso, selecionei para a análise um recorte de três capturas de tela de publicações referentes ao ataque, a saber: (i) o *post* (com comentários no *Facebook*) de uma moradora de Pacaraima sobre a situação dos venezuelanos na cidade; (ii) a publicação do relato intitulado *Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde*, no site do *Jornal da Cidade Online*; e (iii) o texto *#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados*, publicado no site de *fact-checking* da Agência Lupa. Para a análise, considerei o conceito de entextualização (BAUMAN & BRIGGS, 2006), de ordens indexicais (BLOMMAERT, 2010) e as pistas indexicais (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013).

i. Entextualização e posicionamentos interacionais em um *post* no *Facebook*

Como vimos anteriormente, é possível que uma *fake news* sobre o esfaqueamento de um comerciante roraimense tenha motivado o ataque ao acampamento dos migrantes venezuelanos no dia 18 de agosto de 2018 na fronteira de Pacaraima. A notícia do ataque circulou rapidamente em diferentes mídias e plataformas digitais, percorrendo, portanto, diferentes trajetórias textuais. Em reação ao episódio, no dia 19 de agosto de 2018, uma usuária¹⁹ do *Facebook* fez uma publicação compartilhando seu posicionamento sobre a presença dos migrantes venezuelanos em Roraima. O relato escrito em 94 linhas acabou viralizando, e sua postagem obteve 28 mil reações de apoio (cerca de 22 mil curtidas, uso de 3,1 mil *emojis* expressando "tristeza" e 2,9 mil de "amei"), 65 comentários e 29 mil compartilhamentos, sinalizando uma aprovação da audiência sobre o que a moradora relata. Os trechos que estão marcados em negrito na imagem 7 referem-se às *fake news* e/ou informações verificadas pela Agência Lupa e serão analisadas na última entextualização. Dado o escopo deste artigo, considerei apenas alguns trechos do relato e dos comentários para a análise.

19. Optei por não divulgar o perfil da autora do relato, apesar de ela ter feito a publicação em sua *timeline* no *Facebook* com o modo de visualização "público" ativado. Seu texto, amplamente divulgado em diferentes redes sociais *online*, foi compartilhado integralmente na página do *Jornal da Cidade Online*.

Excerto 3

19 de agosto de 2018

Seguir

1 Como me enoja ver gente de outros estados cobrando de nós rorainenses a caridade que por três anos
 2 jorramos em cima dos venezuelanos que fugiram do Socialismo.
 3 **Quando alguém de fora de Roraima nos chamar de xenófobos, vamos lembrar que semana
 4 passada venezuelanos mataram um homem à pauladas para roubar os tênis dele e também**
 5 **venezuelanos montaram uma emboscada para matar um senhor, roubar seu carro e vender as peças na**
 6 **Guyana.**
 7 Quando disserem que somos cruéis vamos lembrar que três semanas atrás **venezuelanos agrediram**
 8 **as ÚNICAS médicas plantonistas da única maternidade de Boa Vista, fazendo assim com que**
 9 **elas saíssem assustadas para fazer um B.O e resultando em bebês mortos no ventre de suas mães. (...)**
 10 **(...) Ainda falando em grávidas venezuelanas, vamos lembrar que 40% dos partos na maternidade**
 11 **são de bebês filhos de imigrantes. (...)**
 12 Quando falarem que somos insensíveis vamos lembrar dos moradores do bairro Caimbé que vendem
 13 suas casas à preço de banana, **pois o bairro inteiro virou ponto de prostituição das "oitocenta",**
 14 **venda de drogas e está entregue aos arrombamentos. (...)**
 15 Eu mudo de nome se aparecer alguma mulher que já foi assediada por um haitiano ou por um
 16 guyanense, e também mudo de nome se não aparecer uma rorainense que já não ouviu "gostósssa"
 17 "delíssia" "chupa mi amor" de algum venezuelano na rua. (...)
 18 **Nós nem sabemos mais o que era sarampo e, nossos muros passaram a ser adesivados com**
 19 **"esta casa está imunizada"** para que agentes de endemias que passassem soubessem que todos ali já
 20 foram vacinados (...). Mas eu não estava no Antigo Egito, **estava num estado com 500 mil**
 21 **habitantes que por conta da imigração desenfreada viu em 2018 sua população atingir o**
 22 **número de habitantes esperado para 2040.** Eu estava num estado onde vi o número de furtos,
 23 roubos, assassinatos e estupros subir de um jeito a ponto de eu deixar de amar um pouco a terra onde
 24 nasceram meus ancestrais maternos (...).
 25 Nós sabemos o que é passar a noite inteira com dor e não ir ao HGR por **medo da meningite**
 26 **bacteriana que isola áreas inteiras (...).**

27 Não se preocupem em explicar porque não ajudamos, quando nós sabemos que ajudamos até demais,
 28 além das nossas forças. (...) Também lembro que **Pacaraima não tinha um homicídio há três anos**
 29 **e numa tarde teve dois assassinatos em plena luz do dia no meio do comércio. Quem nos julga não**
 30 **sabe que venezuelanos em massa já conhecem audiência de custódia, já falam que somos nós que**
 31 **temos que aprender espanhol e não eles o Português, e não é que estavam certos? Afinal, no**
 32 **editorial PCRr estão pedindo espanhol para os candidatos que querem ser policiais.**
 33 Todo rorainense já sustentou a frase "mas nem todos" e todo rorainense sabe que isso não se aplica
 34 mais ao que vivemos. Já se foi o tempo que podíamos separar o ruim, doente e ilegal daqueles poucos
 35 que vieram trabalhar. E que diga-se de passagem nem estão mais em Roraima. São Paulo, Mato
 36 Grosso e Rio de Janeiro já receberam venezuelanos com nível superior, solteiros, sem filhos, sem
 37 passagens pela polícia, com cartão de vacina em dia e passaporte em mãos. O que sobrou para nós?
 38 Os doentes, os que furtam, roubam, assediam, entram no crime e, ainda há os que defendem Chavez.
 39 Eu não vi brasileiros xenofóbos em Pacaraima, eu vi pessoas cansadas, com medo, abandonadas pelo
 40 Governo Federal enquanto assistem a construção de mais um abrigo no estado ao passo que
 41 comerciantes de lá tem que dormir nos seus mercados para impedir que estes sejam arrombados.

28 mil curtidas 65 comentários 29 mil compartilhamentos

Curtir Compartilhar

compatriota. **Parabéns pelo texto, minha**

Curtir - 1 a

Muito obrigada, aproveito pra dizer que eu não esperava toda essa proporção, visto que escrevi isso como uma forma de desabafo depois de comentar com meu amigo [nome] que não ia demorar até ver um milhão de gente de fora nos aviltarem baseando-se no que eles não viveram e nunca viverão. Eu estava até meio calma, até uma amiga do RS começar a falar das coisas que diziam sobre nós e eu fui escrever pra pôr pra fora e foi muito bom, me senti mais leve. Escrever faz isso comigo.

Curtir - 1 a

Imagem 7. Relato postado no *Facebook* em 19 de agosto de 2018.

Narrativas como a desse relato publicado no *Facebook* são uma maneira "de compartilhar e dar sentido às experiências do passado recente ou remoto, e de contar

eventos importantes, emocionais ou traumáticos e as minúcias da vida cotidiana" (DE FINA & TSENG, 2017, p. 381). Por isso mesmo, narrativas constituem-se como práticas essenciais para a compreensão de como identidades individuais e coletivas são construídas e acionadas para indexar identificações sociais e modos de ser. É importante acrescentar, como argumenta Wortham (2001), que as narrativas geralmente são coerentes apenas com referência à conversa anterior e à subsequente, isto é, a compreensão de seu significado é maior que a própria narrativa. Nesse sentido, analiso o discurso narrativo da imagem 7 a partir de três camadas: (1) a que se refere a e caracteriza objetos narrados; (2) a que indexa as vozes de pessoas e grupos que são representados; e (3) a que estabelece uma posição social para a própria narradora do relato.

Na primeira camada da narrativa, é possível perceber que a narradora está se referindo ao evento *Bota Fogo!*, ao caracterizar os atos dos estrangeiros em uma trajetória espaço-temporal ("*Quando alguém de fora de Roraima nos chamar de xenófobos, vamos lembrar que semana passada venezuelanos mataram um homem*", linhas 3 e 4; "(...) *três semanas atrás venezuelanos agrediram as ÚNICAS médicas plantonistas da única maternidade de Boa Vista*", linhas 7 e 8) que identifica e localiza o evento narrado nesse interstício (BLOMMAERT, 2010). Além disso, o Facebook registra sua postagem no dia 19 de agosto de 2018, um dia após atear fogo ao alojamento dos venezuelanos em Pacaraima.

Sabemos que a narradora também entextualiza o ataque porque, em uma segunda camada, ela usa pistas de referência para indexar as vozes das pessoas por ela representadas, nesse caso, as pessoas de outros estados (*Como me enoja ver gente de outros estados; Quando alguém de fora de Roraima*), os venezuelanos (*a caridade que por três anos jorraram em cima dos venezuelanos; semana passada venezuelanos mataram um homem (...) e também venezuelanos montaram uma emboscada; que três semanas atrás venezuelanos agrediram as ÚNICAS médicas plantonistas; Ainda falando em grávidas venezuelanas, (...) 40% dos partos na maternidade são de bebês filhos de imigrantes; Quem nos julga não sabe que venezuelanos em massa já conhecem audiência de custódia*) e os roraimenses, grupo em que ela se inclui ao utilizar a primeira pessoa do plural (*cobrando de nós roraimenses a caridade; nos chamar de xenófobos; Quando disserem que somos cruéis vamos lembrar; Quando falarem que somos insensíveis; Nós nem sabíamos mais o que era sarampo; Mas eu não estava no Antigo Egito, estava num estado com 500 mil habitantes (...). Eu estava num estado onde vi o número de furtos (...); já falam que somos nós que temos que aprender espanhol e não eles o Português; Todo roraimense já sustentou a frase «mas nem todos» e todo roraimense sabe que isso não se aplica mais ao que vivemos*).

E, na terceira camada, observamos o papel e os posicionamentos que a narradora assume dentro do evento narrado. Logo no início da narrativa, através da pista de modalização epistêmica (*Como me enoja ver gente de outros estados cobrando de nós roraimenses a caridade que por três anos jorramos em cima dos venezuelanos*), a narradora se posiciona com desprezo em relação ao que está sendo dito sobre os roraimenses. Nesse trecho, percebe-se que ela tem uma intenção muito clara ao compartilhar seu relato: responder às pessoas de fora de Roraima sobre o modo como os moradores de Pacaraima foram retratados (*xenófobos*) nas mídias sociais após o ataque ao alojamento dos refugiados (evento *Bota Fogo!*). Sua intenção se confirma quando analisamos sua interação com outros usuários nos comentários (*"Eu estava até meio calma, até uma amiga do RS começar a falar das coisas que diziam sobre nós (...)"*). Assim, a moradora começa a narrativa em tom de desabafo, dirigindo-se a uma audiência específica – às pessoas de outros estados que cobram empatia pelos venezuelanos – e, ao fazê-lo, caracteriza o contexto interacional fora da narrativa, citando os sucessivos eventos envolvendo a situação da migração em Roraima. Nesse prelúdio, ela parece performar dois papéis: a postura de narradora e a de porta voz de um grupo social (*"nós roraimenses"*), ao mesmo tempo que socialmente identifica e avalia seu referente (*"os venezuelanos"*).

A narradora usa diferentes índices avaliativos para se referir e caracterizar os roraimenses e os venezuelanos. Por meio da expressão temporal "quando" que precede os verbos no futuro do subjuntivo e as pistas indexicais de predicação (*Quando alguém de fora de Roraima nos chamar de xenofóbos; Quando disserem que somos cruéis; Quando falarem que somos insensíveis*), é possível inferir que a narradora está utilizando o recurso da ironia. O uso dessa figura retórica indica que, segundo a narradora, os *moradores roraimenses* deveriam ser caracterizados por predicções contrárias, como "tolerantes", "bons" e "sensíveis". Nesse sentido, acredito que o discurso narrado pela moradora é marcado por uma contradição entre os argumentos que usa para justificar que os roraimenses não são *xenófobos* e as avaliações sociais que ela faz dos migrantes de crise.

Os índices destacados nas linhas 18 a 19 (*Nós nem sabíamos mais o que era sarampo e, nossos muros passaram a ser adesivados com 'esta casa está imunizada'*), assim como o medo "*da meningite bacteriana que isolou áreas inteiras*" (linhas 25 e 26) narrado pela moradora indexicalizam elementos comuns no discurso *xenófobo*, como o "medo do contato, da contaminação, da degenerescência, do adoecimento e da morte, (...) devido à presença de estrangeiros (...), frequentando os mesmos espaços dos nacionais" (ALBUQUERQUE JR., 2016, p. 71). Esse trecho e o relato como um todo revelam o posicionamento que a narradora passa a ter do "território nacional"

como foco de contaminação após a chegada dos venezuelanos portadores de doenças.

Nas linhas 34 e 35, utilizando índices avaliativos como "*ruim, doente e ilegal*" e a predicação "*daqueles poucos que vieram trabalhar*", a narradora qualifica negativamente os migrantes venezuelanos como não produtivos. Na sequência, ela categoriza os migrantes venezuelanos em dois grupos diferentes: os que foram interiorizados para outros estados brasileiros (São Paulo, Mato Grosso e Rio de Janeiro já receberam venezuelanos com nível superior, solteiros, sem filhos, sem passagens pela polícia, com cartão de vacina em dia e *passaporte em mãos*) e os que permaneceram em Roraima (*Os doentes, os que furtam, roubam, assediam, entram no crime e, ainda há os que defendem Chavez*). As predicações destacadas para caracterizar o primeiro grupo sugerem, segundo a narradora, um tipo ideal/desejável de migrante, com boa escolarização, sem família, saudável e documentado. Em contraposição, de acordo com os verbos indexados, o que "sobrou" para os roraimenses (linha 37) foi um grupo indesejável de migrantes, composto por tipos sociais marginais ("portadores de doenças", "ladrões", "assedidores", "criminosos" e "chavistas"). Os posicionamentos da narradora ratificam a ideia de que, em tempos de estabilidade política e econômica, migrantes e refugiados podem não ser um problema ou até mesmo serem desejados enquanto elemento "potencialmente produtivo", mas, em tempos de crise, se transformam em objeto de rejeição e raiva e potenciais alvos de xenofobia e racializações (BIZON & CAMARGO, 2018, p. 713). Essa articulação evidencia, portanto, uma ordem de indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003; BLOMMAERT, 2010) que entextualiza o discurso xenofóbico estratificado na forma como a narradora mobiliza valores positivos, ao posicionar de um lado os "roraimenses", e, de outro, negativos para os "venezuelanos".

Entre as linhas 30 e 32, ao utilizar a pista de modalização epistêmica por meio dos verbos na primeira pessoa do plural "nos julga" e "somos nós que temos que aprender", a narradora demonstra ter acesso onisciente e privilegiado da realidade linguística com relação ao evento narrado e, portanto, tendo total autoridade para falar (BIZON, 2013). Nesse movimento, ela retoma a ordem de indexicalidade (*nós e eles*) ao hierarquizar sentidos e valores em relação ao uso da língua dos brasileiros (*Português*, escrito em letra maiúscula) e da língua dos migrantes venezuelanos (*espanhol*). No trecho, a moradora se ressentir/teme por ter que aprender "obrigatoriamente" a língua dos estrangeiros e não o contrário, entextualizando, assim, uma ideologia linguística monolíngue, geralmente incorporada a discursos oficiais ou discursos nacionalistas excludentes como um mecanismo de controle da cidadania (DE FINA & TSENG, 2017; CAVALCANTI, 2013).

Ao longo da narrativa, por meio de pistas linguísticas como predicação, referência e modalização epistêmica foi possível identificar uma ordem de indexicalidade que registrou posicionamentos xenofóbicos em relação aos migrantes venezuelanos que vivem Roraima. Em seguida, analiso como o relato da imagem 7 acabou sendo entextualizado em outras plataformas digitais.

ii. Segundo enquadramento: o relato que virou notícia

Uma das características mais importantes das narrativas nas mídias sociais é seu potencial de circularem para além do contexto em que foram originalmente publicadas e de serem exponencialmente compartilhadas, tornando-se em pouco tempo virais (DE FINA & GORE, 2017). Essa quantidade de compartilhamento, segundo De Fina & Gore (2017), multiplica não apenas o número de leitores da narrativa original, mas também a capacidade dos usuários de moldar a história. As imagens 8 e 9 exemplificam a mobilidade que caracteriza as narrativas na internet.



Imagem 8. Relato compartilhado na Página do Jornal da Cidade *Online* no Facebook em 20 de agosto de 2018.

O relato da moradora de Roraima sobre o evento “*Bota Fogo!*”, como analisado anteriormente na imagem 7, teve um alto número de compartilhamentos (29 mil até a data da captura de tela), sendo rapidamente viralizado em diferentes plataformas digitais. Na imagem 8, vemos um desses compartilhamentos. O *post* foi feito pela página do Jornal da Cidade *Online* no *Facebook*, que, por sua vez, gerou 7,1 mil novos compartilhamentos, 3,4 mil reações e 371 comentários, sinalizando o endosso de

uma nova audiência. No entanto, a página não compartilha o relato diretamente do perfil da usuária no *Facebook*, e sim por meio de um *link* externo que, ao ser clicado, leva ao site oficial do jornal (www.jornaldacidadeonline.com.br).

Essa trajetória textual do evento nos mostra que o compartilhamento do relato como um novo *post* apresenta questões diferentes a serem analisadas na imagem 8. Algumas pistas indexicais apontam para duas entextualizações na página do jornal no *Facebook*: 1) do evento "*Bota Fogo!*" e 2) do relato da moradora roraimense sobre o evento. A primeira é recuperada pelo uso de pistas semióticas de referência (BIZON, 2013), como as duas imagens – do ataque e da foto de Maduro, presidente da Venezuela – incorporadas na postagem. E a pista indexical de citação direta de um trecho do relato (*Quando disserem que somos cruéis vamos lembrar que três semanas atrás venezuelanos agrediram as ÚNICAS médicas plantonistas da única maternidade de Boa Vista*) confirma a segunda entextualização do evento. Acredito que a escolha da página em citar esse trecho específico (*venezuelanos agrediram as ÚNICAS médicas*) enfatiza o posicionamento anteriormente relatado pela moradora de que os venezuelanos são agressores, indexando, assim, o discurso xenofóbico. Esse tipo de chamada com conteúdo de agressão ou violência, assim como o título exagerado da notícia, apontando para uma verdade que será revelada, são indícios de uma mensagem sensacionalista (SANTAELLA, 2018). Dessa forma, os elementos contidos no *post* contribuem para intensificar a reação emocional do receptor, provocando, conforme Santaella (2018), um efeito que deve ir bem além do simples 'curtir', pois instiga o leitor a usar a ferramenta "*Saiba Mais*" do *Facebook*, clicando no *link* para acessar o conteúdo na íntegra no site do jornal. O *post* capturado na imagem 8 é, portanto, uma entextualização do relato e do ataque ao acampamento dos venezuelanos, em que as pistas contextuais apontam para o texto original, mas que, ao ser descontextualizado e recontextualizado, transformou-se em um novo texto, e mobilizando uma nova audiência (BAUMAN & BRIGGS, 2006).

JORNAL DA CIDADE ONLINE
 O primeiro jornal conhecido não abra mão do seu estilo de escrita

LOGOS E COLUNAS - TV JCO - POLÍTICA - ECONOMIA - DIREITO E JUSTIÇA - POLÍCIA - EDUCAÇÃO - FOCOS MS - FOCO RS - INTERNACIONAL - MAIS - Q

DESTAQUE AGORA

TEMA LIVRE

Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde

20/08/2018 às 19:09

O novo "gol de placa" de Renato Gaúcho, com o "serviço" do capitão Bolsonaro (veja o vídeo)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

DIAS TOFFOLI
17/11/2019
Carta Aberta à Dias Toffoli: "Por sua causa investidores estão se afastando do Brasil"

FORA Gilmar Mendes
VENECIA DO BRASIL
17/11/2019
IMPACHMENT
O povo fará o impossível

Como me enoja ver gente de outros estados cobrando de nós roraimenses a caridade que por três anos jerramos em cima dos venezuelanos que fugiram do Socialismo.

Quando alguém de fora de Roraima nos chamar de xenófobos, vamos lembrar que semana passada venezuelanos mataram um homem à pauladas para roubar os tónis dele e também venezuelanos montaram uma emboscada para matar um senhor, roubar seu carro e vender as peças na Guayana.

Quando disserem que somos cruéis vamos lembrar que três semanas atrás venezuelanos agrediram as UNICAS médicas plantonistas da única maternidade de Boa Vista, fazendo assim com que elas saíssem assustadas para fazer um B.O e resultando em bebês mortos no ventre de suas mães.

TV JCO

BOLÍVIA, ESQUERDA E FORO DE SP
16/11/2019
Retirada de Morales na Bolívia: Menos um governo na mão do Foro de São Paulo (Veja o vídeo)

OTONI DE PAULA
16/11/2019

Imagem 9. Relato publicado no site do Jornal da Cidade *Online* em 20 de agosto de 2018²⁰.

A imagem 9 ilustra uma entextualização de parte do relato da moradora de Roraima que foi reproduzido na íntegra (com as 94 linhas) no site do Jornal da Cidade *Online*. No entanto, quando o relato compartilhado no *Facebook* é publicado no site do jornal, a trajetória textual da história original também apresenta mudanças, principalmente, com relação às funções e ao formato de produção e recepção do texto. Entre as mudanças que apontam para essa direção, temos a criação de um título (*Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde*). Abaixo do título consta a data e o horário da publicação (20/08/2018 às 19:09) no site do jornal. Ao final do texto encontra-se a assinatura da autora (nome completo da narradora do relato da imagem 7) ao lado dos itens lexicais "de Roraima/da Redação", sugerindo que foi atribuído à autora do relato o papel de redatora de uma matéria jornalística.

20. Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/11101/uma-brasileira-de-roraima-diz-a-verdade-que-a-imprensa-aetica-e-sem-nocao-esconde>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Outras pistas de referência indiciam o caráter jornalístico da entextualização como: uso de fotografias (as mesmas da imagem 8) que ajudam a narrar o evento; o texto foi publicado dentro da aba "Tema Livre", que emula o formato de uma coluna em um jornal impresso; e as chamadas na lateral para outras matérias. No entanto, apesar de apresentar elementos que indiciam uma reportagem, o texto da narrativa da moradora não foi alterado na publicação. Isso indica que o Jornal da Cidade (tanto a página do *Facebook* quanto o site do jornal *online*) reconhece que as informações sobre os migrantes venezuelanos citadas no relato pela "brasileira de Roraima" são verdadeiras. Além disso, o destaque da palavra "VERDADE" escrita em caixa alta no título aponta para essa interpretação. Do mesmo modo, o uso do descritor metapragmático "*esconde*" e das predicacões "*aética*" e "*sem noção*"²¹ escolhidas para adjetivar a *Imprensa* indexam uma possível visão que o jornal teria da mídia tradicional como um veículo não confiável, e, dessa forma, posicionando-se como uma fonte de informação alternativa.

Nessa entextualização (imagem 9), observo ainda que houve uma mudança com relação à função da linguagem do texto original, deixando de expressar os sentimentos de descontentamento de uma moradora sobre a situação da migração venezuelana em Roraima, para representar uma função referencial aproximando-se a um gênero textual da esfera jornalística. Essa interpretação nos ajuda a concluir que e os criadores de uma narrativa, embora ainda sejam tratados como os autores do que se tornou uma trajetória textual, praticamente não têm mais controle sobre os processos de re-entextualização (BAUMANN & BRIGGS, 2006; BLOMMAERT, 2010).

No enquadramento aqui proposto, tentei mostrar como as narrativas na internet são móveis e percorrem diferentes trajetórias textuais. A partir da entextualizações ilustradas nas imagens 8 e 9, busquei analisar como o deslocamento do texto original (imagem 7) apresentou uma série de mudanças com relação à audiência, função e elementos formais do texto, reproduzindo e provocando novos posicionamentos sobre a situação migratória venezuelana em Roraima. A seguir focalizo a última entextualização dessa trajetória textual.

iii. Ponto de chegada: fact-checking das entextualizações narradas

Com a emergência das mídias digitais, vivemos em um cenário de pós-verdade em que o jornalismo profissional brasileiro se encontra em meio a uma crise de forma e de conteúdo, e tem perdido a autoridade de definir o que é notícia

21. É recorrente nas reportagens do Jornal da Cidade *Online* o uso de expressões negativas e sensacionalistas ("imprensalha", "extrema-imprensa", "imprensa contaminada", "imprensa esquerdista", "imprensa suja" etc.) para se referir e predicar a mídia convencional.

(SCOFIELD JR., 2019). Como reflexo dessa perda de credibilidade da mídia, as plataformas de *checagem de fatos* (*fact-checking*) têm crescido e contribuído para verificar as notícias falsas que circulam na internet. A próxima captura de tela (Imagem 10) mostra como a imprensa/o jornalismo convencional tem se filiado a sites de redes sociais (como o *Facebook*) para verificar as denúncias de *fake news*.

Lupa
A PRIMEIRA AGÊNCIA DE FACT-CHECKING DO BRASIL

QUEM SOMOS LUPA EDUCAÇÃO EVENTOS

ENTENDA NOSSA METODOLOGIA
FALE COM A REDAÇÃO NO LUPA@LUPA.NEWS
SUGESTÃO DE CHECAGEM?
QUERO SER UM CHECADOR

ETIQUETAS

VERDADEIRO
A informação está comprovadamente correta

VERDADEIRO, MAS
A informação está correta, mas o leitor merece mais explicações

AINDA É CEDO PARA DIZER
A informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é

EXAGERADO
A informação está no caminho correto, mas houve exagero

CONTRADITÓRIO
A informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte

SUBESTIMADO
Os dados são mais graves do que a informação

#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados
por CLARA BECKNER e PLÍNIO LOPES
Rio de Janeiro | lupa@lupa.news
27.08.2018 | 15400 |
f t e

Circulam na internet imagens e um longo texto sobre a crise migratória em Roraima. Intitulada “Uma brasileira de Roraima diz a verdade que a imprensa sética e sem noção esconde”, a postagem fala sobre o impacto da chegada massiva de venezuelanos ao estado e a deflagração de conflitos locais – observada por todo o país nos últimos dias.

Por meio do projeto de verificação de notícias, usuários do Facebook solicitaram que as informações contidas nesse material – que já teve mais de 89 mil interações na rede social – fossem analisadas.

De acordo com levantamento feito pela Sala da Democracia – #Observa 2018, da Fundação Getúlio Vargas, entre 0h de quinta-feira (16) e 11h desta

Imagem 10. Fact-checking do Relato publicado no site da Agência Lupa em 27 de agosto 08 de 2018²².

Na imagem 10, identificamos uma nova entextualização do evento “*Bota Fogo!*” a partir do *fact-checking* (*#Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em*

22. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/27/verificamos-roraima/>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

Roraima misturam dados certos e errados) do relato compartilhado como reportagem no site do Jornal da Cidade Online. À primeira vista, é possível recuperar as referências entextualizadas a partir da reprodução das mesmas imagens (do ataque e de Maduro) compartilhadas na página do Facebook e no site do Jornal da Cidade Online. Nessa captura de tela, a checagem dos dados foi publicada em 27 de agosto de 2018 pelos jornalistas Clara Becker e Plínio Lopes, da Agência Lupa, hospedada no site da Revista Piauí. O título da notícia verificada aponta a *crise migratória em Roraima* como foco temático e antecipa o resultado da checagem como uma *mistura de dados certos e errados*.

A primeira informação que aparece abaixo do nome da empresa mostra que a Lupa se identifica como “*a primeira Agência de Fact-Checking do Brasil*”, projetando-se, por meio de um adjetivo numeral precedido de artigo, como a pioneira no mercado de verificação de dados online. No corpo do texto, a agência informa que a checagem do relato (com mais de 89 mil reações até aquela data) foi uma “solicitação de usuários do Facebook” através do “projeto de verificação de notícias” (nesse trecho a matéria incorpora um *hiperlink* explicando que o projeto é uma parceria entre a Lupa e o Facebook).

No terceiro parágrafo da notícia, a agência informa que, segundo um levantamento da Sala de Democracia Digital, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o relato da moradora roraimense foi um dos “*dez conteúdos de maior engajamento nas redes sociais*”²³ entre os dias 16 e 21 de agosto de 2018. O engajamento que o texto teve nas redes sociais online, evidenciado pelo número de reações e interações no Facebook e no Twitter, indicia um dos argumentos para a realização do *fact-checking* do relato da moradora. A rigor, a Lupa parece ter verificado os dados do relato com base no destaque que o texto teve na imprensa e na internet. Mas também em função da relevância do tema, dado que a migração venezuelana era um assunto de interesse público recorrente, sendo inclusive pauta polêmica na plataforma de governo dos candidatos nas eleições de 2018 em Roraima.

As expressões destacadas com *hiperlinks* direcionados a informar sobre as parcerias da agência com outras plataformas sugerem a estratégia/necessidade da Lupa de se projetar como a agência com mais credibilidade para realizar o trabalho de *fact-checking* no país, por compor e ter a parceria de uma rede de instituições

23. “Entre 0h de quinta-feira (16) até as 11h desta terça (21), foram registradas 234,5 mil publicações no Twitter relacionadas ao contexto da imigração venezuelana em Roraima, impulsionadas pelos registros de ataques a imigrantes em Pacaraima, cidade na fronteira do estado com a Venezuela” (FGV, SALA DE DEMOCRACIA DIGITAL, 2018). Disponível em: <<https://observa2018.com.br/posts/conflitos-em-roraima-geram-debate-polarizado-e-acentua-problemas-da-politica-migratoria/>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

nacional e internacionalmente reconhecidas. Essa retórica da confiabilidade sugere uma tentativa, por parte da Agência, em recuperar a imagem tradicional da imprensa, reivindicando para si a empreitada de noticiar a “verdade factual” em meio a uma disputa de narrativas dominadas pelos mecanismos nebulosos do *populismo digital* na cena comunicativa (CESARINO, 2018).

No corpo do texto, a Agência Lupa apresenta os resultados do *fact-checking* apenas de algumas informações citadas no relato da moradora de Roraima (destacadas em negrito na captura de tela da imagem 7). São 9 (nove) as etiquetas empregadas pela Lupa para categorizar as informações checadas: 1) verdadeiro; 2) verdadeiro, mas; 3) ainda é cedo para dizer; 4) exagerado; 5) contraditório; 6) subestimado; 7) insustentável; 8) falso; e 9) de olho (AGÊNCIA LUPA, 2018). O site verificou 8 dados apresentados no relato da moradora roraimense; em cada caso foram incluídos os documentos comprobatórios da checagem, de e-mails de especialistas consultados a dados estatísticos da Polícia Federal e outras instituições oficiais.

A declaração da narradora de que Pacaraima não tinha *um homicídio há três anos* foi etiquetada como “exagerada”, pois, segundo os dados do Atlas da Violência, até 2015 foram registrados quatro homicídios na cidade, atenuando a visão de que a criminalidade passou a ocorrer com a chegada dos venezuelanos no país. De acordo com o relato da moradora, *40% dos partos do hospital local eram de filhos de imigrantes*: essa informação foi considerada “falsa”, pois em nota a Secretaria de Estado da Saúde de Roraima (SESAU/RR) informou que dos 9.358 partos realizados em 2017, 566 foram de imigrantes. A informação de que doenças como a *Meningite bacteriana havia isolado o hospital (HGR)* também foi verificada como falsa, o que ficou comprovado por entrevista coletiva com o médico infectologista e nota do hospital. Após a extensa análise, o resultado do *fact-checking* foi classificado como “misto” pela Agência, por apresentar uma mistura de fatos verdadeiros e falsos (AGÊNCIA LUPA, 2018). Essas são apenas algumas das informações do relato que foram verificadas pela Lupa. As demais checagens, assim como as fontes documentadas são públicas e podem ser acessadas em mais detalhes no site da agência.

Neste enquadramento, não há espaço para apresentar todos os dados do *fact-checking*, os exemplos citados apenas ilustram a sequência do conteúdo noticiado. O objetivo aqui foi apresentar as diferenças que produziram uma nova entextualização do relato da moradora roraimense.



Imagem 11. Uso da ferramenta *Fact-Check* na Página do Jornal da Cidade no Facebook (Acesso em: 06 jan. 2020).

Até pouco tempo o usuário do *Facebook* podia acessar e compartilhar o relato da moradora de Roraima e chegar ao site do *Jornal da Cidade Online* sem “obstáculos”. Agora, como se observa na imagem 11, quando o *Facebook* recebe uma denúncia de seus usuários sobre o compartilhamento de alguma *fake news*, a plataforma solicita a verificação do *post* às agências parceiras. Caso o conteúdo falso seja confirmado e alguém tente compartilhá-lo, o site da rede social emite um alerta de verificação, “com um *link* de um *post* da agência de checagem comprovando a falsidade” (SCOFIELD JR., 2019, p. 65). Embora o compartilhamento da notícia com dados falsos não seja proibido, postagens como a do *Jornal da Cidade Online* (imagem 11) são sinalizadas e isso pode levar a uma menor circulação do *post* nos sites de redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, nos deparamos com um cenário de incertezas e de caos em que uma *fake news* sobre o esfaqueamento de um comerciante brasileiro por venezuelanos

foi o estopim para dar origem ao ataque violento contra os migrantes na fronteira de Pacaraima em 2018. A veracidade das informações acabou ocupando um papel secundário, embora tenha desempenhado uma ação reativa e xenofóbica por parte dos moradores e de agentes políticos locais. O ataque, nominado “*Bota Fogo!*”, acabou virando notícia e circulou em diferentes plataformas digitais, percorrendo diferentes trajetórias textuais. Uma delas foi o desabafo em forma de narrativa de uma moradora de Roraima em que relatava vários acontecimentos envolvendo os migrantes venezuelanos em seu perfil do *Facebook*. O relato acabou viralizando na internet. O objetivo deste artigo foi analisar algumas narrativas e entextualizações sobre o evento “*Bota Fogo!*”, incluindo o relato da moradora roraimense. Com o auxílio de algumas pistas indexicais e semióticas, foi possível identificar alguns posicionamentos e uma ordem indexical que recupera características do discurso xenofóbico, como o medo e o desprezo por migrantes e refugiados venezuelanos (WORTHAM, 2001; SILVERSTEIN, 2003; BIZON, 2013; ALBUQUERQUE, 2016). De igual maneira, o conceito de entextualização foi de grande importância para este trabalho ao mostrar o potencial criativo das narrativas quando são recontextualizadas, reorientadas, recontadas, reorganizadas, ou sejam, quando percorrem diferentes trajetórias textuais (BAUMANN & BRIGGS, 2006; BLOMMAERT, 2010; DE FINA & GORE, 2017). A análise de diferentes entextualizações mostrou também que o simples ato de compartilhar um texto na íntegra não é neutro, pois ele carrega um contexto metadiscursivo que orienta nossa interpretação do texto em direções específicas e projeta uma nova audiência cada vez que é entextualizado. Por último, apesar do papel democrático das mídias sociais e das ferramentas que têm sido criadas para controlar o discurso de ódio, acredito que a disseminação de *fake news* pode extrapolar as redes e produzir efeitos negativos reais na vida das pessoas, a exemplo dos ataques xenofóbicos contra migrantes de crise.

REFERÊNCIAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (2018). *Relatório Anual Global Trends: forced displacement in 2018*. Disponível em: <https://www.unhcr.org/5d08d7ee7.pdf#_ga=2.244458885.1089995143.1576841892-1776333326.1576100910>. Acesso em: 17 dez. 2019.

AGÊNCIA BRASIL, Brasília. Restrição a imigrantes é bandeira de governador eleito em Roraima. Denarium inclui fluxo de venezuelanos para estado em seu programa. *Portal Agência Brasil*. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/>>

- noticia/2018-10/restricao-imigrantes-e-bandeira-de-governador-eleito-em-roraima>. Último acesso em: 08 set. 2020.
- ALBUQUERQUE Jr., D. M. de. (2016). *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. São Paulo: Cortez.
- BAENINGER, Rosana et al. (Orgs.). (2018). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp.
- BAKIR, V.; MCSTAY, A. (2017). Fake News and The Economy of Emotions. *Digital Journalism*. v. 6, n. 2, p.1-19. <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>.
- BAUMANN, R; BRIGGS, C. (2006). Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. *Ilha Revista de Antropologia*. v. 8, n. 1, 2, pp. 185-229.
- BBC News Brasil. (2018). ‘Bota fogo!’: o ataque de brasileiros a imigrantes venezuelanos em Pacaraima. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CrXBt9pVG4Q>>. Acesso em: 11 out. 2019.
- BECKER, C.; LOPES, P. (2018). #Verificamos: Textos e imagens sobre a crise migratória em Roraima misturam dados certos e errados. *Portal da Agência Lupa*. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/27/verificamos-roraima/>>. Acesso em: 17 nov. 2019).
- BIZON, A. C. C. (2013). *Narrando o exame Celpe-Bras e o convênio PEC-G: a construção de territorialidades em tempos de internacionalização*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas.
- BIZON, A. C. C.; CAMARGO, H. R. E. de (2018). Acolhimento e ensino da língua portuguesa à população oriunda de migração de crise no município de São Paulo: por uma política do atravessamento entre verticalidades e horizontalidades. In.: BAENINGER, Rosana et al. (Orgs.) *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, pp. 712-726.
- BLOMMAERT, J. (2008). Contexto é/como crítica. In. (Org.): SIGNORINI, I. *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 91-115.
- BLOMMAERT, J. (2010). *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: University Press.
- BRASIL, Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm>. Acesso em: 11 dez. 2019.

- BRASIL, Ministério da Justiça e Segurança Pública. (2019). Conare concede refúgio para 21 mil venezuelanos: Resolução e ferramentas de inteligência permitiram cruzamento de dados para julgamento em bloco de processos. Disponível em: <<https://www.novo.justica.gov.br/news/conare-concede-refugio-para-21-mil-venezuelanos>>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- CAVALCANTI, M. C. (2013). Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: MOITA LOPES, L. P. *Linguística Aplicada na modernidade recente*. São Paulo: Parábola.
- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. (2019). Imigração e Refúgio no Brasil. *Relatório Anual 2019 do Observatório das Migrações Internacionais*. Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.
- CESARINO, L. (2018). *Populismo digital: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018*. Disponível em: <https://www.academia.edu/42077568/Como_vencer_uma_elei%C3%A7%C3%A3o_sem_sair_de_casa_a_ascens%C3%A3o_do_populismo_digital_no_Brasil_Internet_and_Sociedade_2020>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- CHARLEAUX, J. P. (2018). Os 3 ataques cometidos contra imigrantes venezuelanos em Roraima. *Nexo Jornal Ltda*. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/22/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados. (2016). *Relatório Refúgio em Números – 1ª Edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>>. Acesso em 15 dez. 2019.
- CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados. (2018). *Relatório Refúgio em Números – 4ª Edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>>. Acesso em 19 dez. 2019
- DE FINA, A.; TSENG, A. (2017). Narrative in the study of migrants. In.: (Org.) CANAGARAJAH, S. *The Routledge Handbook of Migration and Language*. London, UK: Routledge, pp. 381-396.
- DE FINA, A.; GORE, B. T. (2017). Online retellings and the viral transformation of a twitter breakup story. *Storytelling In The Digital Age*. John Benjamins Publishing Company. v.

- 27, n. 2, p. 235-260. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1075/ni.27.2.03def>>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- DONATO, M. (2018). Com “fake news”, candidato do Patriota incentivou as ofensivas contra venezuelanos em Roraima. *Portal Justificando*. Disponível em: <<https://portal-justificando.jusbrasil.com.br/noticias/615544613/com-fake-news-candidato-do-patriota-incentivou-as-ofensivas-contra-venezuelanos-em-roraima>>. Acesso em: 15 out. 2019.
- FABRÍCIO, B. F. (2013). A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In.: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 144-168.
- FIGUEIRA, R. R. (2018). Razões da Xenofobia: ensaio sobre os fatores contribuintes da violência xenófoba contra imigrantes e refugiados venezuelanos em Roraima. In.: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (Coords.); ZUBEN, C. von et al. (Orgs.) *Migrações Venezuelanas*. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, pp. 224-231.
- FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. (2018). *Sala de Democracia Digital*. Disponível em: <<https://observa2018.com.br/posts/conflitos-em-roraima-geram-debate-polarizado-e-acentuam-problemas-da-politica-migratoria/>>. Acesso em 25 jan. 2020.
- INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. (2019). *Desinformação: ameaça ao direito à comunicação muito além das fake news*. São Paulo: Intervezes.
- JORNAL da Cidade Online. (2018). Uma brasileira de Roraima diz a VERDADE que a Imprensa aética e sem noção esconde. *Portal Jornal da Cidade Online* (Tema Livre). Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/11101/uma-brasileira-de-roraima-diz-a-verdade-que-a-imprensa-aetica-e-sem-nocao-esconde>>. Acesso em: 17 nov. 2019.
- MARIN, Denise Chrispim. Governo federal vê motivação eleitoreira na ação de Roraima. Para fontes de Brasília, a governadora Suely Campos insiste em fechar a fronteira para os venezuelanos como meio de garantir sua reeleição. *Portal Veja*. Disponível em: <veja.abril.com.br/mundo/acao-de-roraima-contra-venezuelanos-tem-motivacao-eleitoreira/>. Acesso em: 08 set. 2019.
- MELLO, P. C.; PRADO, A. (2018). Boatos alimentam conflito com venezuelanos em região de fronteira: Campanhas contra imigrantes em Roraima ganham força com

- posts e vídeos em redes sociais. Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/boatos-alimentam-conflito-com-venezuelanos-em-regiao-de-fronteira.shtml>>. Acesso em: 27 out. 2019.
- MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). (2006). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MOITA LOPES, L. P. da; FABRÍCIO, B. F. (2018). Viagem textual pelo sul global: ideologias linguísticas *queer* e metapragmáticas translocais. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD. v. 18, n. 3, pp. 759-784, set./dez.
- PIAIA, V. R. (2018). Rumores, fake news e o impeachment de Dilma Rousseff. *Teoria e Cultura*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF. v. 13, n. 2, p. 22-39, dez.
- RAMALHO, S. (2019) Virou rotina agredir e assassinar venezuelanos em Roraima. *Portal The Intercept Brasil*. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- RORAIMA. Procuradoria Geral do Estado. (2018). *Ação Civil Originária de 13 de abril de 2018*. Pedido de Tutela Provisória. ACO 3121. Disponível em: <<http://portal.stf.jus.br/processos/downloadPeca.asp?id=315110327&ext=.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- ROSS, A. S.; RIVERS, D. J. (2018). Discursive Deflection: Accusation of “Fake News” and the Spread of Mis- and Disinformation in the Tweets of President Trump. *Social Media + Society*. SAGE Publications. v. 4, n. 2, pp. 1-12. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1177/2056305118776010>>. Acesso em: 18 set. 2019.
- RUSEISHVILI, S.; CARVALHO, R. C. de; NOGUEIRA, M. F. S. (2018). Construção social do estado de emergência e governança das migrações. O Decreto Estadual Nº. 24.469-E como divisor de águas. In.: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (Coords.); ZUBEN, C. von *et al.* (Orgs.) *Migrações Venezuelanas*. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, pp. 57-67.
- SANTAELLA, L. (2018). *A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?* São Paulo: Estação das Letras.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCOFIELD JR., G. (2019). Desconstruindo as *Fake News*: o trabalho das Agências de *Fact-Checking*. In.: (Org.) BARBOSA, M. *Pós-verdade e Fake News: reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó, pp. 59-68.

- SILVERSTEIN, Michael. (2003). Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, n. 23, pp. 193-229.
- SISMIGRA – Sistema de Registro Nacional Migratório. Portal de Imigração do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de *et. al.* [Coordenação geral de Maria Paula Meneses; Karina Andrea Bidaseca]. (2018). *Epistemologias do Sul*. 1.ed. Buenos Aires: CLACSO; Coimbra: Centro de Estudos Sociais – CES.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. (2017). *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. Relatório do Council of Europe. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-report-november-2017/1680764666>>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- WORTHAM, S. (2001). *Narratives in action*. A strategy for research and analysis. New York/London: Teachers College; Columbia University.

Recebido: 26/5/2020

Aceito: 6/11/2020

Publicado: 10/11/2020